

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
MUSEU ANTROPOLÓGICO

REVISTA DO
MUSEU
ANTROPOLÓGICO

Rev. Museu Antrop. v. 5/6 n. 1 p. 1-328 jan/dez 2001/2002

EMPRÉSTIMOS TUPÍ-GUARANI EM KARAJÁ¹

Eduardo Rivaíl Ribeiro*

RESUMO: Este artigo descreve vários empréstimos de origem Tupí-Guaraní existentes em Karajá, língua Macro-Jê do Rio Araguaia. Tais empréstimos incluem nomes de produtos adquiridos provavelmente através do contato com o homem branco (incluindo termos para 'enxada', 'arma de fogo', 'papel'), plantas cultivadas e elementos da fauna. Além disso, há pelo menos um empréstimo relacionado à vida cerimonial — *txakohi*, o nome de uma das diversas máscaras usadas nas festas de aruanã. O autor sugere que alguns destes empréstimos teriam vindo de uma das línguas gerais amplamente usadas nos primeiros séculos da colonização do Brasil. Outros empréstimos são certamente de origem Tapirapé, povo que tem historicamente mantido intercâmbio cultural com os Karajá. Finalmente, sugere-se a possibilidade de que alguns destes empréstimos teriam vindo de uma terceira fonte, provavelmente povos Tupí-Guaraní da região do Xingu.

PALAVRAS-CHAVE:

Karajá, Macro-Jê; empréstimos Tupí-Guaraní

Introdução. Os Karajá,² povo indígena que já habitava as margens do Rio Araguaia muito antes da chegada dos portugueses e seus

* Doutorando na Universidade de Chicago, bolsista do CNPq (Processo 200018/98-1) e da Fundação Wenner-Gren para Estudos Antropológicos, e pesquisador da Seção de Etnolinguística do Museu Antropológico da UFG.

descendentes, estão em contato mais ou menos permanente com a sociedade nacional há pelo menos dois séculos e meio. Tal contato intensificou-se sobremaneira no último século, primeiro com a navegação intermitente entre Goiás e o Pará e, posteriormente, com o advento de colonos e a construção de estradas, como um resultado da 'Marcha para o Oeste'. Como consequência natural do contato cada vez mais quotidiano com falantes de português, um bom número de empréstimos de origem portuguesa tem sido incorporado ao léxico Karajá, designando objetos e práticas culturais adquiridos dos não índios, tais como [kɔ'bra] 'comprar', [ni'e'ru] 'dinheiro' etc. Empréstimos deste tipo — em geral, facilmente identificáveis — foram objetos de estudos recentes, tais como Fialho (1998) e Borges (1998, 1999).

Há, porém, uma série de empréstimos, tomados a outras línguas indígenas, que não foram mencionados nos estudos anteriores. Tal situação se deve, provavelmente, ao fato de que estes empréstimos não são sincronicamente identificados como tais pelos falantes de Karajá. No entanto, mesmo uma breve comparação com listas lexicais de outras línguas indígenas revela que várias palavras em Karajá, referindo-se especialmente a itens da cultura material e plantas cultivadas, são de origem Tupí-Guaraní. Este artigo tem como objetivo principal descrever tais empréstimos e discutir suas prováveis origens. O estudo de tais palavras pode fornecer interessantes informações acerca da história dos Karajá, especialmente no que diz respeito aos contatos destes com falantes de outras línguas indígenas no passado. Além disso, a identificação de tais empréstimos ajuda a esclarecer fatos da fonologia do Karajá, explicando a existência de algumas aparentes exceções às regras fonotáticas da língua.

Fonologia e diferenças dialetais. Há pelo menos quinze vogais em Karajá, sendo doze orais e três nasais (Tabela 1), e pelo menos nove consoantes (Tabela 2).³ A posição do acento é predizível, recaindo geralmente sobre a última sílaba da palavra. Os quatro dialetos comparam basicamente o mesmo sistema fonológico, com apenas ligeiras diferenças. Em termos fonológicos, os dialetos podem ser divididos em dois grupos: de um lado, Karajá do Sul e Karajá do Norte e, do

outro, Javáé e Xambioá.⁴ As principais diferenças entre os dois grupos podem ser assim resumidas:

- (a) Karajá do Sul e do Norte apresentam um xuá, em sílabas átonas, correspondendo a ambientes em que Javáé e Xambioá apresentam uma vogal idêntica à vogal da sílaba seguinte:⁵

Karajá do Sul e do Norte	Javáé e Xambioá
<i>bɔdɪ</i> [bɔ'dɪ]	<i>brɪdɪ</i> [brɪ'dɪ] 'mei'
<i>kɔbɔ</i> [kɔ'bo]	<i>kɔbɔ</i> [kɔ'bo] 'banzeiro'
<i>-dɔkɔ̃</i> [dɔ'kɔ̃]	<i>-dɔkɔ̃</i> [nɔ̃'kɔ̃] 'mortefema causativo'

- (b) O padrão silábico é, em todos os quatro dialetos, (C)V. Contudo, sílabas CCV ocorrem foneticamente em Karajá do Sul e do Norte, como resultado da síncope de um xuá quando este aparece entre uma oclusiva e a aproximante /r/:⁶

Karajá do Sul e do Norte	Javáé e Xambioá
<i>kɔrɔbr</i> [kɔ'br]	<i>kɔrɔbr</i> [kɔrɔ'br] 'macaco'
<i>kɔrɛ</i> [kɔrɛ]	<i>kɔrɛ</i> [kɔrɛ] 'marim-pescador'
<i>kɔrɔ</i> [kɔ'ɔ]	<i>kɔrɔ</i> [kɔ'ɔ] 'sapo'

O mesmo processo de síncope pode também atingir uma vogal preceidida por consoante oclusiva e seguida por /r/ e outra vogal idêntica:

Karajá do Sul e do Norte	Javáé e Xambioá
<i>kɔbrɔrɔ</i> [kɔbrɔ'ɔ]	<i>kɔbrɔrɔ</i> [kɔbrɔrɔ] 'jacaré-agu'
<i>dɔrɔθɔ</i> [dɔrɔ'θɔ]	<i>dɔrɔθɔ</i> [dɔrɔ'θɔ] 'a ação de tirar'

- (c) Em Karajá do Sul e do Norte, a oclusiva velar /k/ é palatalizada quando precedida pela vogal anterior alta [+ATR] /i/, tornando-se uma africada alveopalatal (cf. Ribeiro 2000: 87):

Karajá do Sul e do Norte	Javáé e Xambioá
<i>ɾikoko</i> [ɾiʃo'ko]	<i>ɾikoko</i> [ɾiko'ko] 'boneca de barro'
<i>ikɔrɔ</i> [iʃɔ'ɔ]	<i>ikɔrɔ</i> [iko'ɔ] 'raposa'

³Empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá — Eduardo Rivall Ribeiro

Tabela 1. Vogais do Karajá

	ORAIS		NASAIS	
	CENTRAIS	POSTERIORES	ANTERIOR	CENTRAL POSTERIOR
anteriores	i	ɨ	ɨ̃	
	ɪ	ʊ		ɔ̃
	e	ə		õ
	ɛ	(ə)		(ã)
		a		

Tabela 2. Consoantes do Karajá

	BILABIAIS				DENTAIS/ALVEOLARES				ALVEOPALATAIS				VELAR				GLOTAI			
	ANTERIORES		POSTERIORES		ANTERIORES		POSTERIORES		ANTERIORES		POSTERIORES		ANTERIORES		POSTERIORES		ANTERIORES		POSTERIORES	
Oclusivas surdas																				
Oclusivas sonoras		b		d																
Implosiva				d'																
Fricativas				θ																
Lateral				l																
Aproximantes		w		r																

O inventário fonológico apresentado acima difere em vários aspectos dos inventários propostos em descrições anteriores (Fortune & Fortune 1963; Cavalcante 1992). No que diz respeito às vogais, a presente análise reconhece o contraste fonêmico entre as vogais altas [-ATR] /i/, /ɨ/ e /u/ e suas correspondentes [+ATR] /i/, /ɨ/ e /u/, um fato que tem conseqüências interessantes para o estudo de fe- altas [-ATR] /i/, /ɨ/ e /u/ e suas correspondentes [+ATR] /i/, /ɨ/ e /u/, nômicos como harmonia vocálica e palatalização (cf. Ribeiro 2000). No que diz respeito às consoantes, os fones palatais [tʃ], [dʒ] e [ʃʃ], considerados fonemas por Fortune & Fortune e Cavalcante, têm status fonêmico questionável, uma vez que sua distribuição pa- rece ser limitada a ambientes aparentemente propícios à palatalização, tal como em contigüidade às vogais altas [+ATR] /i/, /ɨ/ e /u/. Como os exemplos abaixo demonstram, [θ] e [ʃ, s] estão

claramente em *distribuição complementar*: [ʃ, s] ocorre em conti- güidade às vogais /i/, /ɨ/ e /u/, enquanto [θ] ocorre nos demais am- bientes (1). O mesmo condicionamento se aplica à distribuição das africadas: [ʃ] ocorre geralmente em distribuição complementar com a implosiva [dʒ] (2), enquanto [dʒ] ocorre em distribuição comple- mentar com a oclusiva sonora [d] ou a lateral [l] (3).⁸

- (1) [br'θa] 'arara amarela' [i'ʃa] ~ [i'sa] 'cuia'
 [u'θa] 'esquecer-se' [ru'ʃa] ~ [ru'sa] 'cru'
- (2) [d'u'u] 'tanga' [tʃ'u'u] 'sol'
 [k'o'dr] 'fumo' [bu'tʃi] 'pote'
- (3) [na'dri] 'minha mãe' [ãdʒiku'ra] 'mandioca'
 [we'du] 'chefe' [ho'dʒu] 'vara'

Além disso, as consoantes nasais [m] e [n], tratadas como fonemas por Cavalcante, são de fato alofones das oclusivas sonoras /b/ e /d/, ocorrendo sempre antes de vogais nasais ou da vogal baixa /a/.⁹ Esta variação alofônica é ilustrada pelos exemplos abaixo, envolvendo os prefixos verbais *b-* 'segunda pessoa' e *d-* 'direção centrípeta':¹⁰

- (4) a. b-Ø-Ø-obi=kare [bo'bikre]
 2-CTFG-INTR-VER=FUT
 'Você vai ver.'
- b. b-Ø-Ø-õrõ=kare [mõ'rõkre]
 2-CTFG-INTR-dormir=FUT
 'Você vai dormir.'
- c. b-Ø-ã-rika=kare [mari'tʃakre]
 2-CTFG-INTR-andar=FUT
 'Você vai andar.'

- (5) a. Ø-d-Ø-obi=d-e [do'bide]
 3-CTPT-INTR-VER=CTPT-IMPERF
 'Ele viu.'
- b. Ø-d-Ø-ōrō=d-e [nō'rōde]
 3-CTPT-INTR-dormir=CTPT-IMPERF
 'Ele dormiu.'
- c. Ø-d-ã-rika=d-e [narɪ'fade]
 3-CTPT-INTR-andar=CTPT-IMPERF
 'Ele andou.'

A língua apresenta diferenças sistemáticas entre as falas masculina e feminina. Quando necessário, dados de ambas as falas serão identificados pelos símbolos ♀ 'fala feminina' e ♂ 'fala masculina'. A fala feminina pode ser considerada a mais conservadora. Formas na fala masculina são geralmente caracterizadas pela omissão de uma oclusiva velar que ocorre na forma feminina correspondente (♀ *kchã* 'tatu' > ♂ *chã*). Como veremos, este processo é bastante produtivo, aplicando-se até mesmo a empréstimos.

Língua Geral. Alguns dos empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá referem-se a itens adquiridos através do contato com a população não índia, tais como 'enxada', 'arma de fogo' e 'sal'. A origem Tupí-Guaraní destas palavras é facilmente comprovável através da comparação com o vocabulário da 'Língua Geral Brasileira' publicado por Martius (1867: 23-97)¹¹ e com dados do Tapirapé. Note-se que estes empréstimos são totalmente adaptados às características prosódicas (acento fixo na última sílaba) e fonológicas do Karajá:

Karajá	Língua Geral Tapirapé ¹²
(6) <i>burure</i> [buru'rel, buru'rel]	<i>xpororé</i> 'enxada'
(7) <i>bákawa</i> [mēka'wal, bēawa]	<i>makāwā</i> 'arma de fogo'
(8) <i>dǎkita</i> [dǎkɪ'ra], ♂ <i>dǎita</i>	<i>xokýrã</i> 'sal'
(9) <i>kɔbãda</i> [kɔmã'da], ♂ <i>ɔbãda</i>	<i>komanã</i> 'feijão'

Tais empréstimos foram adotados provavelmente nos primeiros anos do contato. Ainda que cognatos destas palavras também ocorram em Tapirapé, é pouco provável que tais itens tenham sido adquiridos pelos Karajá por intermédio destes seus vizinhos ou de outros povos indígenas. De fato, ocupantes das margens do Araguaia, a principal via de acesso àquela região, eram os Karajá que agiam como intermediários entre brancos e índios de outras etnias, tais como os Tapirapé.¹³ Portanto, é bastante razoável supor que tais empréstimos tenham sido obtidos diretamente dos brancos ou mamelucos falantes de uma das línguas gerais então amplamente usadas no Brasil, a Língua Geral Paulista, ao sul, e a Língua Geral Amazônica (Nheengatú), ao norte.

Uma vez que os primeiros brancos a estabelecerem contato com os Karajá foram provavelmente bandeirantes provenientes de São Paulo, falantes de Língua Geral Paulista, é possível que esta língua tenha sido a fonte dos empréstimos aqui discutidos.¹⁴ Contudo, não se deve descartar a hipótese de que pelo menos parte destes empréstimos tenha vindo da Língua Geral Amazônica.¹⁵ De fato, as primeiras incursões do colonizador em território Karajá se deram a partir de duas frentes principais, os bandeirantes paulistas, ao sul, e os padres jesuítas da província do Pará, ao norte. Como aponta Palacin (1972), ambos, bandeirantes e jesuítas, estavam à procura de índios para o trabalho escravo ou para prover de 'almas' as missões no norte (onde certamente se falava a Língua Geral Amazônica):

"Volrados principalmente para o sul, para as missões jesuítas, mais densas de população indígena, (os bandeirantes) não deixaram, por isso, de percorrer o norte e o leste em suas expedições escravagistas. Em Goiás as bandeiras chegaram a familiarizar-se com regiões tão distantes como o médio Araguaia – ilha do Bananal – e confluência com o médio Tocantins (...). A penetração durante o século XVII, partindo do Pará e subindo o Tocantins e o Araguaia, deveu-se principalmente aos missionários. Como os bandeirantes, os jesuítas também iam à busca de índios. Como eles, tampouco se fixaram em território goiano. Procuravam tão só "descer" as tribos para suas aldeias do Pará, sempre necessitadas de transfusões de sangue novo, para compensar as contínuas baixas." (Palacin 1972: 16-17; grifo nosso)

¹¹Empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá" – Eduardo Rivall Ribeiro

